

**LITERATURA BRASILEIRA**  
Textos literários em meio eletrônico  
*Madalena*, de Machado de Assis

---

Texto-fonte:  
*Dispersos de Machado de Assis*, (org) de Jean-Michel Massa,  
Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

**MADALENA**

**Romance original por M. de A.**

**CAPÍTULO I**

**— Confissão de moça.**

A Praça da Constituição recebeu esse nome por decreto de 2 de março de 1822, satisfazendo assim o Príncipe Regente o pedido patriótico do Senado da Câmara, em que ofício de 6 de fevereiro do mesmo ano, pediu a S.M. Real o Príncipe, que ordenasse que se desse a essa praça a sobredita denominação.

Outrora foi conhecida essa praça pelos nomes de Campo da Lampadosa, dos Ciganos, e de Praça do Rocio.

Aformoseada pelo Vice-Rei Luís de Vasconcelos, recebeu em 1813 a 1814 um calçamento regular, e apresentava no centro uma coluna de pedra chamada o Pelourinho.

Em 1832 residia em uma casa térrea dessa praça um empregado público chamado Fernando.

Fernando era homem honrado, honesto, do caráter nobre e firme. Para ele a honra era um culto, uma religião, julgaria um crime o faltar a sua palavra. Era um D. João de Castro moderno.

Fernando tinha o rosto moreno, barba crescida e preta, olhar penetrante e sagaz, nariz afilado, cabelos começando a esbranquecer e 45 anos de idade. Era viúvo; há 10 anos que perdera sua mulher, a que amara tanto como a Madalena, sua filha, retrato vivo e belo de sua mãe.

Madalena era a consolação, as esperanças e o anjo de seu pai. Quando Fernando se sentia triste, quando o pesar fechava-lhe o coração, bastava a presença dessa moça para o pobre pai mostrar um riso nos lábios e dizer-se satisfeito de sua sorte.

E Madalena quanto era boa e afável para com seu pai! Se o via triste mostrava-se carinhosa, sorria-se, cantava, ou começava a fazer alguma leitura, que o pudesse distrair e consolar.

Pela bondade de seu coração, pelo seu gênio alegre, e pela sua virtude, era Madalena estimada e adorada por todas. As moças que a viam ficavam sendo suas amigas. Todos gostam dos anjos, e adoram as santas.

Em uma tarde estava Madalena fazendo um trabalho de lã para oferecer a seu pai, quando ouviu bater na porta; era uma sua amiga, que vinha visitá-la.

— Adeus, Madalena, o que fazes?

- Algumas flores de lã para dar a meu pai.
- Mas o que é isso? Esse rosto de anjinho, que anda sempre risonho, mostra hoje tanta tristeza, sem dúvida são saudades...
- Não sei o que sinto, mas parece que o coração quer anunciar-me alguma desgraça.
- Já sei; passaste a noite lendo algum romance triste, e estás agora pensando, que é verdade tudo o que os romancistas escrevem.
- Não acertaste, mas descansa, senta-te, Laura.
- Desejo saber já a causa da tua melancolia ou então retiro-me para não te afligir mais.
- Ora, Laura, estou triste porque estou triste.
- Mau. Isso é razão de cabo d'esquadra ou de frade Bernardo!
- Pois bem, sabes o que me entristece?
- Pior... Pareces que tens a cabeça lá pela serra dos Órgãos?
- Conheces o Dr. Cláudio?
- Já foi meu médico.
- Esse homem vem todos os dias à nossa casa e ontem lembrou-se...
- De quê?
- De pedir-me a meu pai em casamento!
- Pois um velho de 60 anos ainda pensa em casar?
- Meu pai é seu amigo e veio consultar-me sobre essa união.
- E o que lhe disseste?
- Que não era de meu agrado o ser esposa desse homem, que nunca o poderia amar, mas que desejaria sempre satisfazer as vontades, e desejos de meu pai.
- E o que fez teu pai?
- Pediu-me que refletisse melhor, e disse-me que breve viria saber a minha última opinião.
- É assim; pensam que o coração da mulher é como a tela, onde o pintor pode apresentar qualquer retrato. Às vezes nos querem impor um marido, assim como obrigam a criança a decorar a lição.
- É verdade, minha amiga. E enquanto se tem o coração livre, enquanto não se sabe ainda o que quer dizer a palavra — amor — pode ser indiferente o aceitar este ou aquele noivo; mas quando o nosso coração já não é nosso, quando há um sentimento vivo e ardente, que se tem apoderado de nossa alma; quando a mulher compreende o que é amar, e que em seus olhos, em seus risos, em suas lágrimas, ela declara que ama e que é amada, então é impossível dizer-lhe: — deixai de amar a esse que agora adorais; aquele é que deve ser o vosso noivo. Ah! é impossível, Laura, porque o primeiro amor fica gravado no coração da mulher, assim como a estrela que persiste sempre no céu.

— E amas muito, Madalena?

— Amo, como pode amar um coração de 18 anos, como se ama a luz que nos dá vida e alento, como os anjos amam a Deus. É o meu primeiro amor, Laura. Na vida só amei tanto a um ente, que já está no céu, — a minha mãe por quem sempre faço orações...

— Sou curiosa: qual o deus desse culto?

Sei que o conheces tanto, como ao Dr. Cláudio.

— Não, não sei.

— Determinaste arrancar hoje um por um os segredos da minha alma!

— E não sou eu tua amiga?

— Perdoa; bem sei quanto me estimas; mas não posso dizer-te o nome desse moço.

— Por quê? Pois vou adivinhá-lo, é Eugênio, é meu primo...

— Sim, respondeu Madalena com os olhos baixos.

— E ele te ama? perguntou Laura empalidecendo.

— Não sei; parece um vigário de freguesia!

Laura sofreu tanto abalo, mostrou-se tão impressionada pelo que ouvira de sua amiga, que não passou despercebida para esta a comoção da prima de Eugênio.

— Mas o que tens, empalideces?

— Nada, um leve incômodo, uma pequena vertigem. Com efeito se ela não tivesse se assentado logo, teria tido algum desmaio.

— E eu, que vinha dizer-lhe que também o amava! disse Laura mostrando-se pensativa.

— E não me contas nem um só dos teus segredos? Confessa-te também Laura

— Agora não, necessito de algum descanso. Adeus Madalena.

Ah! ingrata! E não tencionas ir ao sarau do Dr. Cláudio?

— Talvez.

— Lá então me dirás tudo, que vai pelo teu coração; também sou curiosa. Laura.

Madalena acompanhou a sua amiga até a porta; aí as duas amigas trocaram dois beijos de despedida, retirando-se Laura para a sua casa, a qual ficava à pequena distância da morada de Madalena.

Lembrai-vos do retrato da Haidéa de Monte Cristo? Já vistes uma dessas mulheres belas fantasiadas por Ossian? Vistes já um desses ideais, que Fídias deixou sobre a pedra, Miguel Angelo sobre a tela e Dante em um poema? Teríeis então a cópia do retrato de Madalena.

Madalena era tão linda, que parecia um desses anjos, que a terra nos apresenta para causar inveja aos arcanjos do céu.

Tinha os olhos vivos, negros e belos, a boca pequena e mimosa, o nariz afilado, os cabelos negros e crespos, o rosto oval, a tez pálida. Se a vísseis dentro de uma redoma,

diríeis que era uma santa!

Retirando-se Laura, Madalena foi sentar-se junto de seu piano, mas começava a tocar um dueto da ópera Julieta e Romeu, quando bateram no corredor.

Apareceu um moço na sala.

— Sentai-vos, Sr. Eugênio.

— Pouco me demoro. Está aí o vosso pai?

— Creio que não.

— Senhora, disse Eugênio, dirigindo-se à Madalena, não é preciso dizer-vos mais que vos amo, porque meu coração já vos tem dito, já vos tem revelado esse amor. Vós sabeis, que este culto, este amor santo e puro, que vos consagro, enche todo o meu peito, que...

— Senhor!

— Que este amor ó o meu sonho, a minha luz, o meu céu... Mas o amor não deve ser rosa, que tenha só espinhos. Até aqui tenho sofrido, porque tenho vivido longe de vós e a separação mata os corações, que se amam. Ah! como deve ficar bela a vossa fronte com uma coroa de noiva!

Madalena corou, as suas faces pareciam duas largas pétalas de rosa.

— No vosso rosto leio a vossa resposta. Obrigado, D. Madalena. E hoje venho saber se vosso pai abençoa a nossa união.

— Ah! hoje não, Sr. Eugênio, esperai.

— Esperar! Dizei a aquele que luta com as ondas, e que vê o céu azul e brilhante, que não se salve, que espere; dizei a aquele que pode atingir a felicidade e a vida, que fique estático, infeliz, que morra, que espere. Dizei a mim que espere, que fique com o meu amor, que sofra! Ah! Senhora, para quem ama esperar é morrer.

— Sossegai, Sr. Eugênio, mas peço-vos que não faleis hoje a meu pai sobre o nosso casamento; daqui a alguns dias...

— E porque não há-de ser hoje? Se me amásseis...

— Não me acuseis, Senhor...

— Sem dúvida já esquecestes esse amor que dizíeis, que era santo, que era um pensamento do céu...

— Não, não o esqueci, porque não posso esquecer-me, que tenho coração, porque jurei, que vos amaria sempre. Mas hoje veio meu pai falar-me em outro casamento, e se hoje lhe fosseis dizer, que desejáveis ser o meu esposo, ele poderia julgar isso uma ofensa, uma ingratidão partida de mim, pois sabeis, que ele ignora o nosso amor.

Ah! já tendes outro noivo! talvez mais rico e belo. Andastes depressa, senhora! E eu que a julgava simples como uma criança, eu que a amava, como se amasse a um anjo!

— Senhor Eugênio, por aquele Cristo que nos ouve, pela natureza, pelo universo vos juro, que só tenho amado a um homem neste mundo. — E Madalena chorava como uma criança.

— Mas para que esses juramentos e essas lágrimas! Ah! é assim que vós e outras iludem, — disse Eugênio pálido e trêmulo.

"Adeus, Senhora, sede feliz. Assim como vos dei todo o meu amor, desejava dar-vos agora toda a felicidade. — E Eugênio saiu precipitadamente.

— Virgem de Deus, protegei-me.

E Madalena derramando amargo pranto, caiu quase desfalecida sobre uma cadeira.

O moço, que acabara de sair, tinha 25 anos; era alto, de semblante alegre e simpático; testa elevada, olhos pardos, boca pequena, tez clara e corada, e cabelos louros e anelados.

Eugênio era estudante de medicina. Inteligente, de alma pura, de coração limpo, era estimado pelos seus mestres e colegas. Quem o conhecesse poderia dizer, que encontrava nele um amigo.

Eugênio no silêncio e calma do seu gabinete, conheceu bem cedo, que fora ingrato e precipitado, o juízo que fizera de sua amante.

— Sim, dizia ele, ela falou-me de um casamento, que o seu pai lhe propusera, mas sei eu, se ela aceitou esse noivo, que lhe foi apresentado? Chorando não a vi jurar, que me amava; mas essas lágrimas, esses juramentos podem ser fementidos! Ah! se até os anjos mentem, a verdade é uma quimera, é uma palavra vária do dicionário da humanidade

— Fui ingrato para com essa moça, porque sei, que Madalena me ama, que o seu coração é o santuário do meu amor; fui precipitado porque não atendi às suas palavras e as suas lágrimas. Ah! fui mau, fui arrebatado. Perdoa, Madalena.

Mas nem sei o que digo, sinto que o cérebro ferve no meio do sangue, que me enche o coração. Porém Madalena vai hoje a um sarau, lá procurarei observar melhor o seu proceder. Às vezes em um baile se adquire muita instrução; o baile é um livro em-fólio, onde todos os namorados escrevem as suas aventuras.

## CAPITULO II

### O Sarau

Há homens que apesar de ter chegado a uma idade avançada, ainda se enfeitam e se perfumam como moços de 20 anos. Velhos pelos anos querem mostrar-se moços pelo trajar, pela firmeza de corpo e pelos postiços, tornam-se adamados, e começam a gostar das modas e do espelho, como se fossem moças acostumadas a espartilhos e a bailes.

Ainda quando o velho é elegante, inteligente e espirituoso como o Dr. Cláudio, pode-se tolerar, mas quando é feio, mirrado, ignorante e presumido torna-se então insuportável, e parece um macaco de botas e casaca.

O Dr. Cláudio era de estatura alta, de corpo elegante, calvo, cabelos brancos, rosto alegre e expansivo.

Tinha por costume dar um sarau no dia aniversário de seu nascimento, e era o sexagésimo baile que dava por este motivo.

Pela sua profissão, pelo seu gênio alegre e afável sabia o Dr. Cláudio prender o coração de todos, mas tinha o seu *fraco*, gostava de enfeitar-se como um figurino, e apesar de ter 60 anos, amava as moças bonitas, como se fosse um rapaz, que estivesse na sua primavera; todavia era um velho elegante como Chateaubriand, e ao menos não dançava a valsa, nem tingia os cabelos, como fazem muitos velhos, que se cobrem de postiços, para ocultar as mazelas, e outros defeitos herdados dos anos e das moléstias.

O Dr. Cláudio residia na rua do Conde.

No dia em que dava o seu festim, mandava iluminar a sua casa como um palácio. Via-se aí um salão espaçoso, ornado com simplicidade e gosto, onde as luzes se mostravam reunidas, como as flores nos vasos de porcelana, que enfeitavam as mesas, esse era o salão das contradanças; junto desse, existia outro, ricamente preparado, destinado à música e à cantoria; desse salão é que se entrava para um elegante aposento chamado o *toilette*, que é cousa tão necessária em um baile, assim como é preciso o camarim para a atriz, e o bastidor para a cena. Às 8 horas começaram aparecer os convidados. Só nomearemos aqueles que, na narração deste nosso pequeno romance, podem de algum modo interessar o leitor.

Anunciou-se a chegada de D. Juliana e sua filha.

D. Juliana era uma senhora de 50 anos, viúva, e mãe de Laura.

Rosto claro e cor de rosa, olhos azuis, cabelos loiros, feições mimosas e delicadas como as de uma menina, corpo delicado e frágil como a hástrea da pequena flor que um sopro lança em terra, e 28 anos de idade, eis o retrato da filha de D. Juliana.

Apareceram o Sr. Fiusa e a Sra. D. Nini.

Quando entrou este par, os convidados, que estavam na sala, começaram a rir e a falar em segredo.

O Sr. Fiusa era um velho baixo, gordo, feio, repugnante, e impróprio mesmo de aparecer em um salão de baile.

Tinha cara espaçosa, nariz imenso, olhos rasgados, boca sem limites, calva grande, e 55 janeiros trepados no costado

E a Sra. D. Nini! Era de uma gordura monumental, só por isso poderia ficar em exposição; olhos pardos, cabelos cor de fogo, nariz à maneira de tromba de elefante, boca como a do seu marido, e a barriga, poder-se-ia dizer a Sra. D. Nini e a sua barriga!

E que língua não tinham o Sr. Fiusa e a Sra. D. Nini! Falavam de todos, sabiam da vida dos vizinhos, como se fosse história, que andasse nas folhinhas de cada ano! Em casa por detrás de uma vidraça empoeirada, indagavam da vida alheia e bispavam tudo, que se passava pelas casas dos vizinhos; chamavam os criados ou escravos que passavam pela rua, e ficavam tão alegres quando colhiam alguma novidade, como ficam contentes os nossos negociantes quando entra o Pacote trazendo boas notícias sobre o mercado do café.

Nini logo que entrou no salão do baile foi sentar-se ocupando duas cadeiras. O Sr. Fiusa foi para a janela tomar ar.

Entrou no salão o Sr. Eugênio. Já o conhecemos, é o nosso estudante.

Anunciou-se a chegada de Fernando e de sua filha. Então todos os olhares se voltaram para a porta. Algumas moças morderam os lábios, outras começaram a falar em voz baixa, e todos os moços saudaram a filha de Fernando como a rainha da festa. Um belo vestido branco enfeitado com fitas e rendas, cabelo à Stuard, apresentando de cada lado uma pequena rosa branca, um colar de pérolas ao pescoço, sustentando uma cruz de brilhante, lindos brincos de brilhantes, e belas pulseiras de coral: eis os enfeites dessa formosa mulher que atraía os olhares e as atenções de todos. Madalena estava tão linda com esse vestuário simples e elegante, que parecia uma dessas ninfas, uma dessas sílfides, que em noites de luar aparecem na fantasia dos poetas e dos amantes; dir-se-ia que era um anjo esquecido na terra, ou uma dessas virgens, que aparecem no mundo para ser vistas e adoradas.

Às 9 horas deu-se princípio ao sarau.

Nini e Fiusa, segundo seu costume, começaram a murmurar de tudo; nada havia sobre que esse par grotesco não lançasse o escárnio e o ridículo!

— Julgais, que aqueles brincos e aquela cruz são de brilhantes? tudo aquilo é pedra falsa!

— Calai-vos, Nini.

— Já não se usa o penteado à Maria Stuard?

— Lá isso é verdade, disse Fiusa dirigindo-se de novo para a janela.

Acabada a primeira contradança, começou a conversa. O Dr. Cláudio dançara com Madalena a primeira quadrilha.

— Acabais de dar-me grande honra e prazer, minha senhora.

— E por que Dr.?

— Porque me aceitastes como vosso par nesta primeira quadrilha.

— Ah! fiz apenas o que meu pai me ordenara.

— Mesmo assim vos agradeço. E sei que não querieis vir a este festim.

— Um leve incômodo me ia privando desse prazer.

— Faltaria então tudo neste baile.

— Não vos entendo, Dr.!

— Em um sarau, não havendo uma beleza, que atraia todas as atenções, não há interesse, não há animação.

— Mas aqui não faltam dessas belezas.

— Faltaria a rainha delas se V. Ex. não viesse.

— É muita bondade, Dr.

— Não, senhora; quando adoro as santas, cumpro um dever.

O par de Eugênio tinha sido Laura.

— Não vedes como conversam, dizia Laura mostrando a Eugênio o Dr. Cláudio e Madalena?

— Sim, e ela está tão alegre!

— É uma namoradeira.

— O que dizeis, minha prima?

— Namora a moços e velhos.

— E qual será o seu noivo?

— Pois não sabeis, que ela ama ao Dr.?

— Quereis escarnecer da pobre moça, prima?

— Não, primo, ela o ama e vai ser sua noiva.

— Como sabeis?

— Disse-me que o amava, e que seu pai lhe falara em casá-la com o Dr.

— E ela?

— Aceitou; ora, o Dr. Cláudio é rico!...

— Rico, rico! é verdade: e eu o que sou? um pobre estudante, disse Eugênio, parando no meio da sala com sua prima.

— Mas quereis ficar aí firme como uma sentinela do salão?

— Ah! estava distraído!

— Não vedes? o Dr. lhe está oferecendo uma flor.

— E ela a aceita e a guarda no seio. Oh! isto é horrível! Mas quando vos disse, que estava tratado esse casamento?

— Ontem de manhã. E vós a amáveis, primo?

— Não sei; mas não quereis sentar-vos? desejo descansar.

— Estais hoje tão aborrecido, Sr. Eugênio!

— Sinto tanto calor, que preciso respirar um ar melhor.

— Vai, meu namorado infeliz — disse Laura sorrindo-se!

— Quem vos disse, que eu amava essa mulher?

— Ela mesmo, lançando sobre vós todo o ridículo...

— Ah! será aquela mulher um demônio transformado em anjo? disse Eugênio, quase em desespero.

— Se é um anjo, dá sempre a beber o cálice da amargura. E Laura, satisfeita do que acabara de fazer, foi sentar-se no meio de outras moças.

Eugênio sabia que sua prima lhe tinha amor, e suspeitando, que o quisesse intrigar com Madalena, porque já lhe tinha dito que soubera do amor, que ele consagrava a essa moça, não acreditou em tudo o que Laura lhe dissera, mas, retirando-se para um canto do salão, determinou observar melhor a sua amante.

Enquanto se dançava, A Sra. Nini e o Sr. Fiusa observavam tudo que se passava, e de tudo criticavam.

— Vede como a D. Juliana usa o vestido curto, parece uma dançarina do teatro!

— E tem 64 anos!

O Sr. Fiusa, por sua conta, aumentara 14 anos na idade da Sra. D. Juliana.

— E a filha tem dentes postiços!

— Ora, não creio em tal, Nini.

— E por que não? aquela que ali vedes é moça, e anda de cabeleira.

— E quantas saias traz a D. Madalena?

— É tal e qual! parece o Pão de Açúcar andando pela sala. E Fiusa pôs-se a rir às gargalhadas!

Durante todo o sarau, Eugênio não escolheu Madalena, nem uma só vez, para seu par, mas dançou com quase todas as moças, e principalmente com sua prima.

Madalena percebeu que Laura e Eugenio fugiam dela, mas não querendo mostrar-se despeitada, dançou, valsou e cantou; a cada instante recebia um triunfo; admirada e festejada por todos, dir-se-ia que esse festim fora feito só para ela.

Quando começou o serviço do sarau, Nini e Fiusa começaram desabridamente:

— Ah! gosto mais de um pastel, do que do melhor som de uma rabeça.

— Um sarau sem doces é um anacronismo: não concordais, Fiusa?

— Apoiadíssimo, Nini; respondeu Fiusa meio engasgado com um pedaço de pão-de-Lot.

— E como é bom um sorvete!

— Refresca tanto o estômago, que parece que se está na Rússia!

Vendo a gulodice de Nini e Fiusa, notando o modo porque eles se atiravam às bandejas de doce, dizia Fernando, em voz baixa, passeando com o Dr. Cláudio:

— Estão famintos, comem doces como os Hebreus comiam maná!

— E se apresentaram aqui sem ser convidados!

— Para irem amanhã contar à vizinhança, o que se passou em vossa casa.

— Sei que são almanaques da vida alheia.

— São uns miseráveis cães, que ladram a todos que vêm; com a língua profanam e conspurcam tudo, mas eu os desprezo.

E Fernando e o Dr. Cláudio foram se dirigindo para as mesas de jogo.

Continuava o sarau. Nini e Fiusa não cessavam de comer, e de engasgar-se; Laura persistia em suas intrigas; Eugênio já se mostrava desesperado, Madalena já se ia afligindo com os elogios, que lhe faziam a todos os momentos, o Dr. Cláudio jogava com os seus amigos o solo e o voltarete, quando ouviu-se o sino da igreja de S. Francisco anunciar incêndio.

Chegaram todos à janela e viram, que o incêndio era em uma casa da praça da Constituição. Em breve as labaredas indicaram o lugar do sinistro; a casa que ardia estava colocada na fachada da praça, que fica fronteira à rua do Conde.

— Parece ser na casa do Sr. Fernando, disse Eugênio.

— É certo.

— É lá mesmo, disse Fernando saindo precipitadamente com sua filha.

O Dr. Cláudio, Laura, Juliana, Eugênio e alguns outros amigos os acompanharam.

Nini e Fiusa deixaram pesarosos as bandejas de doce e iam dizendo, descendo as escadas:

— Vamos lá ver isso, que nos privou dos doces e dos sorvetes: talvez seja algum incêndio insignificante!

### CAPITULO III

#### Incêndio e Sacrifício

O incêndio era na casa de Fernando.

O fogo foi tão violento, que em breve apoderou-se de toda casa, espalhou-se por todo o edifício.

Vieram os socorros públicos, mas a violência do incêndio, o tumulto e a confusão que começaram a reinar, tornaram inúteis todos os auxílios.

Fernando e os seus amigos procuraram salvar alguma coisa, mas em vão; a impetuosidade das chamas repelia àqueles que ousavam querer entrar nessa grande fogueira.

Por três vezes Fernando abriu caminho pelo fogo, para ver se podia livrar um pequeno cofre, onde existia uma avultada quantia, que no dia seguinte, tinha ele de levar para uma Província por ordem do Governo, porém por três vezes as labaredas do incêndio mataram as forças e as esperanças do pobre empregado público.

Eugênio, o Dr. Cláudio, e outros amigos e vizinhos de Fernando, fizeram tudo para ver se podiam tornar menor o prejuízo do seu amigo, mas era tarde, o incêndio tinha devorado o prédio, e restavam apenas quatro paredes destruídas pelo fogo, e enegrecidas pelo fumo.

Fiusa e Nini nada fizeram. Fiusa foi colocar-se no meio da praça, e dizia aos que notavam o seu procedimento:

— Nada, o Fiusa não é Salamandra.

Nini quis observar o incêndio mais de perto, e aproximou-se tanto do lugar do sinistro, que algumas telhas e pedras caindo-lhe sobre a cabeça, fizeram-lhe perder os sentidos. Todos foram prontos em socorrê-la, mas foi tão violenta a pancada, que a pobre Nini recebeu, que passou logo para a eternidade, sem soltar um só gemido. Fiusa mostrou-se inconsolável, e começou a derramar lágrimas como um bom marido.

Chorando, exclamava o triste viúvo:

— Ah! Nini, Nini, para que foste tão curiosa! não viste o que fez teu marido, que apartou-se do lugar do sinistro?... Coitada de Nini!

— Sossegue, Sr. Fiusa, dizia Eugênio.

— Pois não hei-de carpir a morte deste anjo, desta santa, que de Ririas falava bem!

— Que santa!

— É verdade, Sr. Eugênio! Alma cândida e pura, disse Fiusa olhando para o cadáver de Nini, adeus, e fiques sabendo que eu não desejo ter notícia de coisa alguma, que

observares lá pelo outro mundo; adeus Nini.

— Não é o Sr. só que chora, veja como está abatida e pesarosa a filha do Sr. Fernando! e note como ele está desesperado e aflito!

— É assim: a vida é um rio de lágrimas, disse o pobre viúvo, ajoelhando-se e fazendo orações junto ao corpo de sua infeliz mulher.

Fernando mostrava-se acabrunhado com o desastre que lhe acontecera.

Sentia-se tão perturbado, que nem sabia o que deveria fazer, se atender para a sua filha, que estava desfalecida nos braços de suas amigas, ou se deveria dar algumas providências, para tornar menor o prejuízo e a desgraça que caíra sobre ele.

Quando viu a sua casa inteiramente destruída, dizia aflito e comovido:

— Meu Deus, que fatalidade! pobre, miserável, e além disso, talvez condenado a ser lançado em uma prisão!

— O que dizeis, Sr. Fernando? perguntou Eugênio.

— Recebi do governo uma quantia para ser entregue a uma tesouraria da Província, amanhã ia cumprir essa missão, porém esse incêndio, que devorou o que era meu, fez desaparecer também esse dinheiro: agora vejo-me pobre, sem poder satisfazer o encargo do Estado, assim talvez tenham de abrir-se para mim as portas de uma prisão: oh! que desgraça, meu Deus!

— O que dizeis, meu pai? não, não sereis preso: por ventura depois da desgraça ainda há de vir o martírio? ah! não vos arrancarão dos meus braços, disse Madalena enlaçando seu pai com os seus braços frágeis e trêmulos.

— Coitada, disse Eugênio penalizado.

Juliana e Laura, arredadas do lugar sinistro, observavam essa cena triste e desastrosa, e apesar de comovidas, não sabiam o que deveriam fazer.

— Tudo está perdido, minha filha! e ela, Deus meu, acrescentou Fernando olhando para o céu, ela que a eduquei com tanto mimo, que viveu sempre cercada de carinhos e afagos, e que tão moça vivia embalada de esperança e felicidade: como ficará sem mim! E tão fraca, tão débil, como poderá trabalhar para poder viver! Ah! é terrível a hora da desgraça!

— Tranqüilizai-vos, meu pai, saberei trabalhar para ajudar-vos; não descansarei, não dormirei enquanto não puder obter o pão do nosso sustento; estou moça, amo ao trabalho, amo à atividade e adoro a Deus e a meu pai, mas não me faleis mais em prisão! Ah! por alma de minha mãe, vos juro que nunca me hão de separar de vós.

— Nada tendes que recear, disse Eugênio, dirigindo-se a Fernando: se esse dinheiro desapareceu, foi por um acontecimento imprevisto e fatal.

— Fiusa, que viera colocar-se perto das pessoas que falavam, para ouvir melhor tudo, que diziam, planejou um plano de vingança contra Fernando, e saindo apressado, foi dizendo em voz baixa.

— Agora me vais pagar, impostor, nunca me tiraste o chapéu, vizinho malcriado; escarnecias e falavas de mim, pois agora vou meter-te em calças pardas, e desapareceu.

O Dr. Cláudio observava toda esta cena sem dizer palavra e sem mover-se do lugar em que estava.

De repente viu-se aproximar um oficial seguido de alguns soldados.

— O Sr. Fernando? perguntou o oficial.

— E por quê, Sr.?

— Tenho ordem de levar-vos preso.

— E por quê, Sr.?

— Denunciaram, que fostes vós que lançastes fogo a esta casa!

— E para quê, Sr. Oficial?

— Para apoderar-vos assim de uma quantia que vos fora entregue pelo Governo.

— Ah!

— É falso, Sr., é falso, exclamou Madalena apresentando-se diante de seu pai. Acusarem meu pai de incendiário e ladrão ! Meu pai, que tem envelhecido no serviço público! que a única condecoração que traz sobre o peito, é a sua honra. Meu pai incendiário e ladrão... é falso, Sr., é falso. Ah! mas sede indulgente, Sr., continuou Madalena, lançando-se aos pés do oficial; sede humano, não arrebateis um pai dos braços de sua filha; eu vos rogo ; é uma filha que vos fala, atendei ao grito da natureza.

— Nada posso fazer, Sra.; devo executar as ordens que me foram dadas.

O Dr. Cláudio aproximando-se do oficial, exclamou :

— Mas por que quereis prender o Sr. Fernando?

— Não posso dar explicações a todos.

— Falastes em uma quantia, que dizem fora subtraída por esse homem; não sei que soma seja essa, mas o que posso afiançar-vos, é que vinte contos que ele recebera do Estado, esses estão em meu poder; o Sr. Fernando entregou-mos para guardar.

— Ah! disse Fernando olhando para o Dr. Cláudio.

— Foi sobre essa mesma quantia, que versou a denúncia; mas se assim é: para que esse senhor não fez logo essa declaração?

— Não vedes como está perturbado e comovido! Homem honrado, que nunca julgara possível o suspeitar-se de sua honra, bastou a vossa presença para o aterrar.

— Irei pois, participar à autoridade competente o resultado desta diligência.

— Amanhã será entregue ao tesouro público aquela quantia. Quereis fiança?

— Não, Sr. Dr., creio na vossa palavra de cavalheiro. E o oficial retirou-se com a força que conduzira.

— Quanto vos agradeço, Sr., por terdes salvado a meu pai, disse Madalena aproximando-se do Dr. Cláudio.

— Ah, meu amigo, livrastes-me de uma vergonha, à qual estou certo, que não resistiria; a minha gratidão é vossa, Dr., e Fernando, cheio de reconhecimento, apertou a mão do Dr. Cláudio.

— Que homem generoso, que amigo sincero! — disse Eugênio alegre pela ação, que

Cláudio acabara de praticar.

— Sr. Fernando, satisfeito por ter podido socorrer a um amigo, que tanto prezo, desejava, que este dia ficasse gravado no meu coração por algum outro acontecimento feliz.

— Explicai-vos, Dr.!

O que quererá ele dizer! balbuciou Madalena assustada.

— Sabeis, que amo a vossa filha, e já vos falei em um casamento...

— Dr., disse Fernando interrompendo o velho, desejaria unir o destino de minha filha ao de um amigo tão generoso, ao de um homem tão honrado; mas esse casamento não pode ter lugar; minha filha não o quer, e eu não desejo contrariá-la. Seria mais fácil ir morar em uma prisão, dormir no chão úmido de um cárcere, comer o pão negro da masmorra, do que sacrificar a sorte de minha filha. Perdoai, Dr., se assim vos falo, mas sabeis, que no mundo só amo a minha Madalena.

— Não é preciso afligir-vos, Sr. Fernando — disse o Doutor encarando Madalena.

A filha de Fernando tendo observado o que se passara entre o Dr. Cláudio e o seu pai, disse com voz fraca e trêmula:

— Meu pai, quando me falastes no meu casamento com o Dr. Cláudio, irrefletidamente vos disse que não; mas hoje que vejo nesse homem o nosso melhor amigo, o nosso anjo de salvação, a vossa filha vem dizer-vos — que deseja ser esposa do Dr. Cláudio.

— O que disse ela! ... exclamou Eugênio visivelmente perturbado.

Laura com sua mãe, tinha-se aproximado às pessoas, que falavam, e ouvindo o pedido do Dr. Cláudio, disse sorrindo-se:

— Ah! este velho afetou desinteresse para melhor promover o seu interesse.

— Será o teu coração quem fala, minha filha — disse Fernando abraçando Madalena — ou queres sacrificar-te por mim? fala, quero que as tuas palavras sejam o eco do teu coração: é por tua vontade, que desejas ser esposa do nosso benfeitor?

— Sim, meu pai, respondeu Madalena olhando para Eugênio e para o céu!

— Dr., a minha filha é vossa noiva.

— Ah! eu vos agradeço, Sr., disse o Dr. Cláudio aproximando-se de Madalena.

— Eu não vos dizia, primo, disse Laura a Eugênio, que esta moça amava o velho? e ainda quereis namorá-la!

E a filha de D. Juliana, sorrindo-se, tomou o braço de sua mãe, e retirou-se.

O Dr. Cláudio acompanhou a Fernando e a sua filha, que também se ausentaram.

— Meu Deus, disse Eugênio, que ficara só: quantos tormentos para um pobre coração de moço! Quantas lágrimas na primavera da vida! Quanto amor desvanecido em um momento! Ver renegado, com uma só palavra, um amor que eu julgara puro, que crera santo, que acreditara imenso. Ela, mulher de outro! de um velho que já olha para a terra, onde se lhe deve abrir a sepultura! ela tão moça, tão bela! será por ser ele rico? mas tanta ambição, tanta baixeza não pode contaminar a uma alma ainda tão virgem! terá ela se sacrificado por seu pai? mas para que encarou-me, quando foi pronunciar esse — sim — fatal! quererá matar-me de dor, ou desejaria que eu avaliasse o seu sacrifício? Meu

Deus, dai-me forças para poder sofrer todos estes martírios do coração!

## CAPITULO IV

### O anjo da família.

No dia determinado, o Dr. Cláudio depositou a quantia, pela qual se empenhara. Não recebeu do seu amigo declaração alguma.

Fernando tratou de preparar e dispor tudo para o casamento de sua filha. Fazia-se o enxoval; a modista costurava o vestido do noivado.

Aos seus amigos já tinha Fernando participado esse casamento, que o enchia de satisfação.

Porém Madalena mostrava-se cada dia mais triste e pálida, mais abatida e acabrunhada. Dir-se-ia que essa moça, julgando que não poderia mais viver, ia desfalecendo, porque ia-se aproximando da sepultura.

Quem visse o seu rosto pálido, os seus olhos mergulhados em lágrimas, cercados de uma auréola roxa, sinal de insônia e de martírio, os seus cabelos pretos, soltos pelas costas, como se fossem um véu de luto, os seus lábios desbotados, se entristeceria bastante, e julgaria ver a imagem da dor, bela, porém muito triste! Tanta dor, tanto martírio não apresentara o semblante de Madalena — a Santa, quando enxugara o suor do seu Redentor.

Fernando se afligia, por ver a sua filha tão triste e melancólica. Beijando e abraçando-a, dizia esse bom pai:

— Por que te mostras tão pesarosa, minha filha? Dize a teu pai a causa de tuas lágrimas, a dor de tua alma!

— Nada tenho, meu pai. Essas lágrimas, esse luto de meu coração, provém de ver-vos tão infeliz e pobre.

— Porém breve vais ser esposa de um homem rico, milionário, e então protegerás o teu pai: não é assim, Madalena?

— Sim, meu pai, sim; mas é se eu puder viver até lá.

— O que disseste! não ouvi bem as tuas palavras, falas em morrer! tu, o meu anjo da terra, o coração de meu corpo, a alma da minha vida: e então o que será do teu pai! Ah! queres morrer, e deixar-me no mundo, só, com a minha miséria, com os meus cabelos brancos: e dizes que me amas, Madalena?

— Meu pai!

— Falas em morrer: e porque não queres ser noiva do Dr. Cláudio, não desejas, que esse casamento se faça, dize e tudo será desfeito; correrei à casa desse meu amigo e lhe direi: "Minha filha não quer ser vossa noiva". Até aqui, Madalena, nunca faltei à minha palavra, mas para fazer-te feliz, para dar-te risos e alegrias, irei ter com o Dr. Cláudio, e lhe farei esquecer tudo o que lhe disse.

— Meu Deus, dai-me forças para poder sustentar o meu próprio coração.

— Sê franca, Madalena; não quero que depois digas: "aquele que podia dar-me felicidade, deu-me desgraça; de meu pai herdei só lágrimas!"

— Quero ser esposa desse homem, meu pai, e perdoai as minhas lágrimas; choro,

porque sou uma criança. Ficarei alegre só por vos ver contente.

— Sim, minha filha, porque dos teus risos nascem as minhas alegrias. — E Fernando se retirou, depois de ter beijado a sua filha.

— Complete-se o sacrifício, disse Madalena; rir-me-ei quando desejaria chorar: não vou também cingir a grinalda do noivado, quando quereria antes a capela da morte?

Tendo-se incendiado o prédio de Fernando, alugou este uma pequena casa na rua de S. Clemente.

Essa casinha tinha um jardim ao lado: aí olhando para as flores e para as borboletas que voavam, passava Madalena as suas tardes, que eram bem tristes. Em uma tarde estava ela tão pensativa e absorta, que não viu entrar no jardim um moço vestido de preto, o qual se foi colocar diante dela como se fosse um fantasma, que quisesse namorar a filha da dor. Esse moço apresentava os olhos encovados, as faces deprimidas, os cabelos caídos pela testa como os do lavrador depois do trabalho do dia; o seu semblante bastante pálido era de um aspeto feio e triste, pungente e terrível.

Parecia a imagem de Cristo no jardim retratada pelo pintor Rembrandt.

O moço deu um passo para onde estava Madalena; as folhas secas, que se quebraram com as suas pisadas, despertaram a filha de Fernando, que deu um grito e quis fugir.

— Esperai...

— Senhor...

— Escutai, Madalena; um amor excessivo e ardente, como uma onda de fogo, me impeliu até vós. Se não fora esse amor, que vos consagro, imenso como a extensão, se não fora esse amor, hino contínuo do meu coração, única consolação de minha alma, eu não viria até aqui; morreria sem ver-vos, Madalena. Foi essa paixão, que me impeliu até vós, para perguntar-vos o que fizestes desse amor, que me tínheis, desse amor simples, como a primeira palavra, belo como o céu, vivo e ardente como o sol!

— Atendei-me, Sr. Eugênio, e não penseis, que reneguei esse amor santo e puro que o meu coração vos tinha dado; não julgueis perjura aquela, que apenas é mártir.

— Meu pai me propusera o casamento com o Dr. Cláudio; recusei esse noivo; nessa mesma ocasião vos apresentaste para obterdes a minha mão; vos pedi então que não désseis esse passo, não só porque nesse mesmo dia recusaria eu o noivo que meu pai me propusera, como também porque ainda não lhe tinha dito o amor que o meu coração vos devotava; mas o ciúme, Sr. Eugênio, vos tornou então injusto e mau!

— Perdoai, Madalena!

— Soubestes depois da desgraça que caiu sobre meu pai; vistes que o Dr. Cláudio o livrara de uma prisão infame e vergonhosa, porém que ao mesmo tempo pedira a mão da filha do seu amigo!

E então o que deveria eu fazer, Sr. Eugênio? recusando o casamento com o Dr. Cláudio, não poderia ele negar-se a fazer o que prometera, e meu pai não poderia ser preso e morrer? Quis pois sacrificar-me por meu pai; não julgueis assim uma leviandade o que é um sacrifício, uma ingratidão o que é um dever.

— Então ainda me amais, Madalena?

— Duvidais, Sr. Eugênio? Só deixarei de amar-vos, quando a minha alma desprendida do corpo tiver ido ao céu, quando o meu coração, vazio de sangue, se tiver enchido de gelo.

— Ah! disse-o, repeti mil vezes. Obrigado, Madalena. E agora vos juro pela terra e pelo céu que esse casamento não se fará. E Eugênio saiu precipitadamente. Madalena quis detê-lo, mas foi impossível...

— O que irá ele fazer, meu Deus! E a infeliz moça retirando-se para o seu quarto se foi ajoelhar diante de Deus crucificado. Eugênio dirigiu-se à casa do Dr. Cláudio.

Cláudio preparava-se para o seu noivado. O velho estava contentíssimo, ia casar-se com uma mulher moça, bela e elegante. Nem todos na sua idade encontram igual felicidade. Anunciada a chegada do estudante, o médico apresentou-se logo.

— Doutor, disse-lhe Eugênio, trêmulo e pálido, sei que breve vai ter lugar o vosso casamento com a filha do Sr. Fernando...

— Estou certo, que haveis de julgar, que não é uma novidade para mim o que me viestes dizer, senhor...

— Mas talvez seja o dizer-vos, que essa moça ama apaixonadamente a outro homem...

— A quem, Sr. Eugênio?

— A um moço infeliz e pobre, e que tem por essa mulher uma paixão louca e veemente; a um moço que tem sofrido tanto pelo seu amor, que as lágrimas já lhe fogem dos olhos e o sangue do coração.

Admiro o que me acabais de dizer; essa moça declarou, que aceitava a minha mão.

— As suas palavras o disseram, mas não o poderia dizer o seu coração.

E Eugênio relatou ao Dr. Cláudio tudo que Madalena lhe dissera.

Quando o pobre moço acabou de falar, estava cansado e abatido.

— E então, Doutor, continuou Eugênio: ainda desejais fazer esse casamento? quereríeis por ventura matar dois corações, e preparar o túmulo para duas vítimas?

— Comoveu-me o que me dissestes, Sr. Eugênio. Admiro o sacrifício do coração dessa moça. Peço-vos que, amanhã, a esta mesma hora, volteis de novo a esta vossa casa.

— Esperar ainda tanto tempo!

— Sei que esperar 24 horas é muito para quem ama, mas não para quem deseja refletir.

— Até amanhã, Doutor, disse Eugênio, despedindo-se do velho Cláudio.

Os leitores desejarão saber o que foi feito do Sr. Fiusa. Vendo que fora frustrada a sua denúncia contra Fernando, e perseguido por este e por aqueles, aos quais a sua língua viperina não cessava de atassalhar, Fiusa, esse Aretino prosaico e barrigudo, retirou-se para uma vila de província, e arvorou-se em procurador; mas querendo sonegar uns autos, foi recolhido à prisão, e lá ficou bispando das grades do cárcere o que se passava pelo mundo. Deus o conserve preso e calado.

Eugênio visitava sempre a sua prima; a mãe de Laura era a sua segunda mãe e havia-o amamentado; assim tinha ele razão para amar a sua colaça e a D. Juliana. Antes de ir ter com o Dr. Cláudio, passou pela casa de sua prima:

— Ides agora à casa do doutor, primo?

— Sim, respondeu Eugênio pensativo.

— Cuidado, acautelai-vos.

— E por quê?

— Prepara-se uma traição contra vós.

— Quem vos disse?

— Um criado do doutor.

— Será possível!

— Sim, trata-se mesmo de um crime.

— Não posso crer: o doutor é homem honrado; deu-me ontem provas da bondade do seu coração.

— Talvez fosse melhor chamá-lo de hipócrita.

— Duvidais de todos, prima

— Peço-vos para não irdes à casa desse homem.

— Então o que se prepara contra mim?

— O Dr. Cláudio já está casado, e se fordes hoje à casa dele, talvez pagueis com a vida a pertinácia do vosso amor.

— Oh! Meu Deus, será possível! Não, agora é que desejo lá ir; quero vingar-me! — E Eugênio saiu apressadamente.

— Perdi a minha última tentativa, disse Laura! ... o temor não o deteve; pois bem, procurarei esquecer com outros amores este amor infeliz e perdido.

Eugênio ocultando uma pistola no bolso de sua casaca, apresentou-se, à hora marcada, na casa do Dr. Cláudio. Quando entrou, viu o doutor sentado entre Madalena e Fernando. Madalena ficou tão perturbada e pálida, que quase desfaleceu.

Eugênio levou repentinamente a mão ao bolso da casaca e abraçou com mão trêmula a coronha da pistola.

— Sentai-vos, Sr. Eugênio, disse Cláudio.

O moço obedeceu maquinalmente.

— Sr. Fernando, disse Cláudio, participo-vos que o meu casamento com vossa filha não pode ter lugar.

— O que ouço, balbuciou Eugênio!

— E por quê, doutor? agora que este casamento já está divulgado! agora...

— Vossa filha se casará.

— Explicai-vos, doutor!

Madalena tremia; Eugênio estava surpreendido.

— O seu noivo há-de ser este moço — e Cláudio apontou para Eugênio.

— O que dizeis, doutor?

Madalena deu um grito de espanto; Eugênio quis sair do lugar em que estava para ir abraçar o Dr. Cláudio.

— Sim, meu amigo, por vós queria a vossa filha sacrificar-se. Só por temer as desgraças que vos poderiam sobrevir, abafara no seu coração um amor levemente, uma paixão bela, como o seu coração de vinte anos, e ia ligar-se a um homem velho, julgando que assim livraria seu pai de tormentos e de dores. Ah! comoveu-me o sacrifício que essa moça queria fazer do seu amor e talvez de sua vida!

— Minha filha! — exclamou Fernando abraçando Madalena.

— Determino então, continuou o Dr. Cláudio, abandonar a felicidade de ser esposo de uma mulher tão bela e virtuosa para não ser a causa do martírio e da morte de um anjo. O seu noivo deve ser este moço, que a ama, que a adora...

— Ah! eu enlouqueço! — exclamou Eugênio apertando convulsivamente a cabeça com as mãos. — Obrigado, doutor; destes-me mais que a vida, destes-me a felicidade!

Madalena, trêmula e chorosa, disse ao Dr. Cláudio:

— Meu Deus, será isto um sonho! sereis algum anjo vindo do vosso sacrifício. Do alto dos céus Deus sabe coroar a virtude

— Sou a imagem da Providência, que vem trazer o premio do vosso sacrifício. Do alto dos céus sabe coroar a virtude na terra. E nem vós, nem este moço tendes que agradecer-me. Eu rejeitaria a felicidade do céu, se para obtê-la fosse preciso cometer uma ação má. Se sabendo do vosso amor e do vosso sacrifício persistisse em querer ser vosso esposo, julgaria um remorso a felicidade, a ventura, que roubaria assim do coração de dois entes. Não tendes que agradecer-me; foi a admiração pelo vosso sacrifício, pela vossa virtude, que guiou os passos do homem velho e honrado.

— Mas eu, disse Fernando, devo agradecer-vos, abraçar-vos e apertar a vossa mão de amigo sincero e de homem honrado. Se o sacrifício de minha filha mostra o amor que ela me consagra; o que acabais de fazer patenteia o vosso coração generoso. Ah! custa a encontrar uma alma e um coração generoso como o vosso, doutor!

— E uma filha como Madalena.

— Admiro tanto, disse Eugênio, a virtude de Madalena, como a honra do Dr. Cláudio!

— Meus filhos, disse Fernando dirigindo-se a Eugênio e a Madalena, Deus abençoe a união que se vai formar entre vós, e peço-vos que nunca vos esqueçais do Dr. Cláudio, do vosso protetor, desse homem que salvou-me da prisão e da ignomínia, que vos trocou, Madalena, as lágrimas pelos risos, o martírio pela ventura!

— Deus vos proteja e abençoe — disse o Dr. Cláudio.

— Sim, exclamaram Madalena e Eugênio, jamais nos esqueceremos do anjo da nossa família.

Um mês depois do que acabamos de relatar, celebrava-se o casamento de Madalena com Eugênio.

O Dr. Cláudio continuou a ser protetor desta família.

A bondade de certos homens é inesgotável: eles assemelham-se a esses rios, que levam sempre fertilidade e vida àqueles lugares onde lançam as suas águas.

E Laura?

Apesar de suas intrigas, não pôde a filha de Juliana atrair o coração de Eugênio. O estudante foi constante no seu amor. O amor é um fogo sagrado, que não se aparta do coração que escolheu; é um raio de luz que pode chegar ao céu sem ser desviado pelos ventos da atmosfera. Por fim, Laura cansou, julgou que deveria buscar outro ponto de atração, que deveria gravitar em roda de outro astro: desprezou Eugênio, chamou-o de tolo, talvez, e abraçando-se com seu espelho, procurou enfeitar-se para ver se encontrava um noivo.

Mas foi isso o que ela não achou, e aí ficou solteira com os seus trinta anos!

A mulher loureira não casa: — é pena, mas não é injustiça.

FIM